

Clarice Lispector na sala de aula: uma leitura do conto *Os desastres de Sofia* à luz dos elementos da narrativa e da perspectiva temática

Sheila Vieira Nanes dos Santos Galvão (UFMG)*

<https://orcid.org/0000-0001-6551-1651>

Resumo:

A presente proposta tem como objetivo analisar o conto *Os desastres de Sofia*, de Clarice Lispector, sob duas perspectivas: os elementos da narrativa e a composição temática. No tocante aos elementos da narrativa, damos destaque ao enredo, cuja cadeia de eventos é desatada a partir do ponto de deslance da história: a escrita subversiva de um texto. Também é relevante o papel da narradora-protagonista, Sofia, e como ela contribui para a construção do significado dessa narrativa, desvelando, por exemplo, o personagem professor. Esse personagem também merece destaque nas discussões por causa da posição avassaladora que parece ocupar na vida da narradora-protagonista. Ademais, dada a natureza ampla de temas suscitados pela narrativa clariceana, fizemos um recorte temático, portanto, discorreremos sobre a transformação individual dessas personagens, o nascimento de uma escritora e o que denominamos de ecos autobiográficos dessa narrativa. Tais discussões, embora em forma de recortes, dão indícios da riqueza composicional e temática da escrita clariceana. Para amparar teoricamente essas discussões, recorreremos aos estudos de Nunes (1989), Leite (2002), Ferreira (2007) e Hatoum (2014). Por fim sugerimos, como atividade para a sala de aula, uma conversa literária (Bajour, 2012) para ser desenvolvida em turmas da Educação Básica.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Composição narrativa; Elaboração temática; Conversa literária.

Abstract:

Clarice Lispector in the classroom: a reading of the short story *Sofia's disasters* under the light of its

* Professora de Língua Portuguesa da SEDUC-PE e Tutora a distância do curso de Licenciatura em Letras e suas Literaturas (UPE). Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino – PPGLE/UFMG, na área de Estudos Literários. Mestre em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras – UPE/Campus Garanhuns). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6123294805842046>. Email: sheila_nanes@hotmail.com

narrative elements and thematic composition

This paper aims at analysing the short story *Sofia's disasters*, by Clarice Lispector, under two perspectives: its narrative elements and its thematic composition. When talking about the narrative elements, we focus on the plot, whose chain of events is triggered by the unravelling point of the story: the subversive writing of a text. We consider Sofia's role as the narrator-protagonist to be very relevant, for she contributes to building meaning in this narrative – as in her unmasking of the character referred to as “the teacher”, for example. “The teacher” is also a character worth of attention, for the overwhelming presence he seems to occupy on Sofia's life. As this Clarice Lispector's narrative raises a wide range of themes, we made a thematic selection, focusing on the characters' individual transformation, the birth of a writer and what we have called *autobiographical echoes*. These discussions, although as a selection, point at the thematic and compositional richness of Clarice Lispector's writing. For theoretical support of said discussions, we have recurred to studies by Nunes (1989), Leite (2002), Ferreira (2007) and Hatoum (2014). To sum up, we propose a literary conversation (Bajour, 2012) as a classroom activity to be developed in basic education groups.

Keywords: Clarice Lispector; Narrative elements; Thematic composition; Literary conversation

Introdução

O conto *Os desastres de Sofia*, da autora Clarice Lispector (1920 – 1977), foi publicado inicialmente na compilação de contos *A legião estrangeira*, em 1964, cujos contos, em sua maioria, tratam de um drama de deslocamento dos narradores, que discorrem sobre suas inconstâncias, seus anseios e também acerca de seus desejos. Posteriormente, o conto foi republicado em *Felicidade clandestina*, em 1971, trazendo à tona a dureza de ser e estar no mundo e as maneiras de encará-lo em busca de uma felicidade simplória e às escondidas.

Segundo Nunes (1989), o eixo temático assentado na consciência individual como elemento originador do relacionamento entre o narrador e a realidade que o circunda perpassa essas duas compilações de contos. Ademais, é a perspectiva do narrador que condiciona as diferenciações entre cada história alocada nos livros.

É válido frisar que esse processo migratório dos textos não ocorreu apenas com esse conto, uma vez que outras narrativas clariceanas também já foram publicadas e republicadas. Dessa forma, aparentemente, Clarice se repete ao se republicar, mas muito mais se renova, uma vez que parece acompanhar o contexto de cada publicação.

Essa narrativa clariceana possui um título homônimo à obra da escritora russa, Condessa de Ségur (1799 – 1874). A Sofia de Ségur é uma menina peralta e recebe duras críticas por causa de seu comportamento. Prefaciando a obra, na versão lançada pela *Coleção Tesouros da Literatura*, a escritora Carla Maia de Almeida (2019) descreve Sofia como uma menina que deseja descobrir o mundo a partir da violação dos limites estabelecidos pelos adultos. A autora também cita o fato de que a personagem parece representar uma criatividade ingênua que,

hoje, foi substituída pelo acesso desenfreado aos artefatos tecnológicos, que acaba podendo a fecundidade da imaginação.

A obra da Condessa de Ségur tinha uma finalidade bem comum ao século XIX: ensinar a distinção entre o que era bom e o que era mau. Por outro lado, a obra de Clarice em nada ensina sobre o bom comportamento das meninas. Na obra da autora russa, temos uma opressão constante às traquinagens cometidas por Sofia e a propagação das consequências das atitudes consideradas erradas. Cada violação traz um castigo. Em Clarice, há uma menina de apenas nove anos, réplica maligna (Nunes, 1989) da Sofia de Ségur, que subverte as relações hierárquicas e assume o lugar de quem, em militância sádica (Rosenbaum, 2006), importuna o professor.

Na obra de Clarice, conhecemos, pelos olhos adultos daquela que chamaremos de Sofia (embora a narrativa não confirme isso), um professor e a própria narradora. Pelas percepções da menina-narradora, o professor é um homem que lhe causa admiração e repulsa. Ela o ama e ao mesmo tempo o detesta. Sofia nos mostra um homem apagado, de ombros sempre contraídos cujo renascimento acontece após um fato, aparentemente, superficial: a menina, de apenas nove anos, escreve um texto que simboliza uma reviravolta decisiva tanto para a vida do professor quanto para a vida dela. A narradora também discorre sobre as dificuldades de aceitar estar numa condição (infância) quando o seu desejo é estar em outra (adulta).

Diante disso, analisamos o conto clariceano sob a perspectiva dos elementos estruturais da narrativa, considerando como importantes para as discussões o enredo, o tempo, a linguagem, a narradora Sofia e o personagem professor. A análise também

ocorre a partir da composição temática. De modo que a obra suscita diversos temas, foi necessário realizar um recorte e optamos por discutir acerca da transformação individual de Sofia e do professor, sobre o nascimento de uma escritora e a respeito dos ecos autobiográficos. Além disso, elaboramos uma proposta metodológica para a inserção desse conto em sala de aula da Educação Básica.

Elementos estruturais da narrativa: enredo, tempo, linguagem, narrador e personagens

Para Nunes (1989), os contos de Clarice costumam seguir a estrutura fundamental do gênero, embora essa não pareça ser a preocupação central da autora. Em relação ao enredo dessa narrativa, há uma tensão conflitiva que surge a partir de um fato aparentemente banal: a escrita subversiva de uma história proposta pelo professor. Sofia sabia que a moral que acabara de escrever não era aquela esperada; por isso, a subversão. Contudo, é a partir desse ponto de desenlace, como mencionado pela narradora: “Foi talvez por tudo o que contei, misturado e em conjunto, que escrevi a composição que o professor mandara, ponto de desenlace dessa história e começo de outras” (Lispector, 2016, p. 266), que acontece uma transformação na vida de Sofia e do professor: o começo de outras histórias.

Esse ponto de desenlace gera uma crise que não se resolve “[...] através de um ato [...]” (Nunes, 1989, p. 84). Essa crise, ou esse estado de aflição nauseante (Nunes, 1989), causado pela cena trivial entre professor e aluna, permite que ambas as personagens, num mergulho reverso, saiam de si e voltem metamorfoseados. O encontro provocou

mudanças. Eles não eram mais os mesmos.

Em relação ao tempo, a narrativa aparece em flashes da memória da Sofia adulta, que narra sob três perspectivas: a menina de nove anos, que modifica sua postura a partir da chegada do professor; a adolescente de treze, que, em choque, recebe a notícia da morte desse professor; e a adulta metamorfoseada (uma junção da menina e da adolescente), que, num processo reflexivo, traz à tona uma série de lembranças. Desse modo, a narrativa é construída de forma não linear, ora temos a face infantil e problematizadora de Sofia, ora temos a face adulta e reflexiva. O que importa, portanto, não é o tempo cronológico, mas sim o psicológico: o tempo que define a narradora como era antes do encontro com o professor e como se tornou depois.

Nesse conto, parece, então, ser muito mais relevante a relação entre os diferentes tempos articulados pela voz da narradora adulta: o tempo do encontro; o tempo da escrita subversiva; o tempo dos desencontros das certezas que foram abaladas; o tempo da integração de quem se era antes e de quem cada um se tornou; e o tempo do começo de outras histórias, que ao leitor não é dada a chance de conhecer. Para Rosenbaum (2006), a aventura de Sofia e seus desastres fica, portanto, inacabada.

No tocante à linguagem, em Clarice, é sempre um elemento que contribui significativamente para o desenrolar das ações. Milton Hatoum (2014) afirma que

[...] os dramas dos narradores de Clarice são também dramas de uma linguagem que expressa, com o ritmo e a cadência de um estilo muito pessoal, o lado agônico ou extático dos seres que evoca; dramas quase sem trama, porque a Clarice interessa menos o enredo e o tempo cronológico que a forma descontínua e fragmentada de expressar uma experiência interior; um transe visionário

ou, inclusive, um pensamento ou conceito.

Podemos observar a singularidade dessa escritora que, cuidadosamente, seleciona cada palavra, cada elemento de composição de suas narrativas. Quanto à descrição desse lado agônico do professor, percebemos quando a narradora afirma que “[...] qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão, e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele” (Lispector, 2016, p. 261, grifo nosso). O uso do advérbio “pesadamente” evidencia a ideia de que, para o professor, exercer essa profissão não traz lhe vivacidade; é uma tarefa árdua de ser executada. Outro aspecto que pode ser observado nessa passagem é um apagamento do passado do professor. Não sabemos se a profissão que ele exercia antes era mais prazerosa, por exemplo. A narradora desconhece, assim, narra somente a partir da chegada dele em sua vida.

Noutro momento da narrativa, num jogo espontaneamente articulado pela menina-narradora, há também uma descrição da agonia desse professor: “Mas se me comoviam seus gordos ombros contraídos e seu paletozinho apertado, minhas gargalhadas só conseguiam fazer com que ele, fingindo a que custo me esquecer, mais contraído ficasse de tanto autocontrole” (Lispector, 2016, p. 264, grifo nosso). Para o professor, era necessário fingir um comportamento de esquecimento, o que lhe era custoso, na tentativa de não se deixar dominar pela raiva que a menina lhe causava. Esse comedimento do professor irritava ainda mais a menina Sofia, que esperava reações mais enfáticas.

O drama da menina-narradora também fica evidente em diversos momentos da narrativa, um deles é um encontro com o sorriso do professor, que a faz mergulhar num enlevamento:

O que vi, vi tão de perto que não sei o que vi. Como se o meu olho curioso se tivesse colado ao buraco da fechadura e em choque deparasse do outro lado com outro olho colado me olhando. Eu vi dentro de um olho. O que era tão incompreensível como um olho. Um olho aberto com sua gelatina móvel. Com suas lágrimas orgânicas. Por si mesmo o olho chora, por si mesmo o olho ri. Até que o esforço do homem foi se completando todo atento, e em vitória infantil ele mostrou, pérola arrancada da barriga aberta – que estava sorrindo. Eu vi um homem com entranhas sorrindo” (Lispector, 2016, p. 273).

Nessa experiência epifânica e profundamente íntima, Sofia, embora não tenha acesso aos pensamentos, enxerga as entranhas do professor. A ausência de qualquer expressão facial que indicasse um sorriso da parte daquele homem até aquele momento torna esse acontecimento singular. Sofia foi o invasor externo, o microrganismo que penetrou o espaço entre o manto e a concha, formando uma pérola: o difícil sorriso do professor.

Para Hatoum (2014), por meio de suas narrativas, Clarice consegue expressar aquilo que é difícil de se descrever, o indizível: “A linguagem foi, de fato, sua travessia maior e a mais arriscada: a paixão pela linguagem, a tendência tenaz, incessante e obsessiva ao dizer o inefável, o que nos toca mais a fundo e fugazmente: o sentido mesmo de nossa existência”. Nessa travessia da linguagem, embora não consiga mergulhar nos pensamentos das outras personagens, Sofia nos revela, a partir de algumas sutilezas, tanto os seus desastres quanto os dramas do professor.

Seus desastres, enquanto criança e pré-adolescente, são variados. Estão tanto no plano físico quanto psicológico. No que diz respeito aos aspectos dramáticos de sua existência, especialmente em termos físicos, pode-se fazer menção a como ela enxerga a

si mesma: “[...] as pernas não combinavam com os olhos, e a boca era emocionada enquanto as mãos se esgalhavam sujas [...]” (Lispector, 2016, p. 265). No entanto, quando olha para si, do ponto de vista da adulta reflexiva que é enquanto tenciona acerca de suas memórias, Sofia consegue enxergar algo oposto: finalmente tinha um corpo organizado, podia, inclusive, dedicar-se aos estudos.

Psicologicamente, Sofia experimentava a angústia existencial da infância prolongada: “[...] impelia-me a voracidade por uma vida real que tardava [...]” (Lispector, 2016, p. 263); “[...] torturada por uma infância enorme que eu temia nunca chegar a um fim [...]” (Lispector, 2016, p. 264). A menina-narradora enfrentava um fardo significativo. Ser criança era uma tortura que, pesadamente, Sofia tinha que suportar.

Outro elemento importante dessa narrativa é o narrador. Temos um narrador-protagonista que, segundo Leite (2002, p. 43), “[...] não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos”. É exatamente assim que Sofia nos apresenta os acontecimentos dessa narrativa. É a partir de suas percepções que ela afirma, por exemplo, que “[...] era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhara” (Lispector, 2016, p. 261, grifo nosso). Sofia descreve a impaciência do professor a partir de sua intuição, utilizando seus engenhosos artifícios de observação, mas não se trata de uma certeza; é mera especulação, como fica claro no uso da expressão “eu adivinhara” e em outros momentos da narrativa.

Ainda sobre a narradora Sofia, sabemos que o marcante episódio de sua vida ocorre

quando ela tem apenas nove anos: a chegada de um professor, cuja disciplina não nos é mencionada, mas isso parece importar pouco para o desenrolar das ações. Esse encontro opera uma drástica mudança em seu jeito de ser: “**Passei** a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas [...]” (Lispector, 2016, p. 261, grifo nosso). O uso do verbo “passei” no pretérito perfeito do indicativo sugere que, antes da chegada desse professor, a menina Sofia se comportava de forma tranquila.

Para uma menina de nove anos, Sofia se apresenta como uma garota corajosa que ainda não experimentou a covardia dos adultos, aquela falta de ousadia que tanto a irritava no professor. Ele é a personificação do adulto que denota uma ausência de coragem de infringir as conveniências. Esse é um dos motivos que faz com que Sofia o deteste. Ao mesmo tempo, nutre uma espécie de paixão por ele, talvez fruto da incógnita que envolve o passado desse professor. Afinal, a narradora desconhece-o. Tudo o que sabe sobre ele é que pesadamente ensina.

O professor é outro personagem importante dessa narrativa. É considerado um personagem redondo (Gancho, 1991), visto que é descrito com maior complexidade, apresentando diversas características: físicas, psicológicas, sociais, entre outras. Embora tudo o que sabemos sobre o professor seja baseado na percepção de Sofia, ainda assim é possível ter acesso a muitas informações sobre ele.

Fisicamente, segundo a impressão da narradora, ele “[...] era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos” (Lispector, 2016, p. 261). A percepção da “grandeza” do professor é mencionada mais de uma vez e pode ser influenciada pelo fato

de Sofia ser apenas uma menina de nove anos, provavelmente ainda pequena em estatura. A menina-narradora evoca, inclusive, a saliência óssea que o professor possui em seu nariz “[...] grosso e romano” (Lispector, 2016, p. 261). Além disso, dá indícios, sob seu ponto de vista, de que ele é um homem desleixado, já que “usava paletó curto demais [...]” (Lispector, 2016, p. 261).

Além das características físicas, é possível reconhecer, a partir do olhar de Sofia, alguns elementos que ajudam na construção do aspecto psicológico, por exemplo, o professor parece nunca estar confortável: “Em vez de nó na garganta, tinha **ombros contraídos**” (Lispector, 2016, p. 261, grifo nosso). A menção aos ombros contraídos aparece três vezes ao longo da narrativa, evidenciando insegurança e tensão constantes. O professor também é visto como um homem triste: “Até que ponto aquele homem, monte de compacta tristeza, era também monte de fúria?” (Lispector, 2016, p. 271).

Vale frisar o fato de que Sofia nos apresenta um retrato fragmentado do professor: ora elementos que constroem as suas características físicas, ora elementos que evidenciam suas emoções. No entanto, é apenas quando o ponto de desenlace da história (a escrita subversiva de uma moral para a história contada pelo professor) transforma os sujeitos que a menina-narradora consegue enxergá-lo de forma completa: “E bem devagar vi o professor todo inteiro” (Lispector, 2016, p. 270). Enxergá-lo inteiro significava ver além das tensões, inseguranças e ombros contraídos.

Alguns temas para estudo

A narrativa de Clarice é tematicamente rica e permite uma análise a partir de alguns vieses, por exemplo: a) a transformação interior de Sofia e do professor; b) o nascimento

de uma escritora; e c) alguns ecos autobiográficos.

a) A transformação interior

A menina-narradora sofre densas transformações a partir do ponto de desenlace da história. Não se tratou apenas de uma escrita subversiva e provocativa; o texto de Sofia fez eclodir uma escritora e um homem ingenuamente feliz.

Esse momento subversivo é tão impactante para a pequena Sofia que a afeta psicológica e fisicamente. À noite, quando chega em casa, passa a ter crises de vômito. Além disso, ao se deparar sozinha com o professor, a menina submerge em um momento epifânico: enxerga a sala de aula com toda a sua austeridade: “Nunca havia percebido como era comprida a sala de aula; só agora, ao lento passo do medo, eu via o seu tamanho real” (Lispector, 2016, p. 269); vê as entranhas do professor: “Vi tão fundo quanto numa boca, de chofre eu via o abismo do mundo. Aquilo que eu via era anônimo como uma barriga aberta para uma operação de intestinos” (Lispector, 2016, p. 273); e, finalmente, compreende a essência desse momento (ela é o tesouro que se disfarça): “E de repente, apertando os olhos fechados, gemi entendendo um pouco mais: estaria ele querendo dizer que... que eu era um tesouro disfarçado?” (Lispector, 2016, p. 276).

A transformação na vida de Sofia também acontece pelo viés da culpa. A menina não entende o porquê de o professor enxergar nela um potencial. Ela tem ciência de seu plano proposital e maquiavélico. Escrever o texto de forma rápida e insurgente era apenas uma forma de ser a primeira a sair da sala, desfrutar dos benefícios ofertados pelo pátio da escola e, claramente, provocar a ira do professor. Além disso, Sofia acreditava que a agilidade na escrita certamente seria

uma característica que o professor admirava: “[...] demonstrando-lhe assim a minha rapidez, qualidade que me parecia essencial para se viver e que, eu tinha certeza, o professor só podia admirar” (Lispector, 2016, p. 267). Para a menina, ao receber essa credibilidade, retirava do adulto a possibilidade da redenção. Os adultos, em quem ela verdadeiramente acreditava, perdiam esse potencial de salvadores das crianças. Aquele homem ingênuo abalou as crenças de Sofia e transformou o seu modo de enxergar o mundo.

Na vida do professor, o impacto ocorre de forma a libertá-lo das exigências da vida adulta, descortinando a simplicidade que é viver. Aquele homem tenso e contraído descobre uma alegria ingênua, despreocupada, desimportante, aquela mesma alegria de uma criança que, finalmente, dorme com os sapatos novos. Esse mesmo professor que era “[...] um alpinista paralisado pelo terror do precipício [...]” (Lispector, 2016, p. 263) se colocou no lugar de sujeito aprendente e permitiu que a inábil menina de nove anos o ajudasse a descer.

O sorriso do professor é o principal elemento indicativo dessa transformação. Ele “[...] usa pela primeira vez o sorriso que aprendera” (Lispector, 2016, p. 274). É justamente quando se coloca nessa condição de sujeito que se entrega aos processos de aprender que o professor consegue alcançar uma confiança que o permite mostrar sua “[...] feiura, que era a sua parte mais inocente” (Lispector, 2016, p. 275).

A partir da relação contrastante, Sofia e o professor passam por uma metamorfose que só ocorre por causa da condição em que cada um deles se coloca: de sujeito que aprende no contato com o outro. Não foi apenas a figura socialmente hierárquica do professor, cuja característica principal é a de

ensinar algo que esteja relacionado aos seus conhecimentos acadêmicos, que instruiu. Sofia, embora ocupando uma posição socialmente inferior, contribui nas aprendizagens daquele professor.

b) O nascimento de uma escritora

Outro elemento essencial que surge a partir da transformação individual balizada pela figura do outro é o nascimento da menina-escritora.

Para a menina-narradora, escrever era simples e o professor tem um papel fundamental nessa descoberta tão grandiosa, visto que a Sofia adulta “[...] se reporta à infância para falar, com extrema poesia, da sua descoberta como escritora, homenageando com carinho o mestre, que só atuou como tal quando procedeu como aprendiz, fazendo-a perceber o poder das palavras” (Ferreira, 2007, p. 87).

Ao se permitir tirar a crosta que encobre os olhos do adulto, o professor pôde atuar positivamente na vida da menina, que até então não estudava naquelas aulas. O professor, ao aprender a alegria ingênua com Sofia e, enfim, sorrir, anunciara-a, transformava-a, predizendo-a enquanto escritora: “Como uma virgem anunciada, sim. Por ele me ter permitido que o fizesse enfim sorrir, por isso ele me anunciara. Ele acabara de me transformar em mais do que o rei da Criação: fizera de mim a mulher do rei da Criação” (Lispector, 2016, p. 278). Fora o professor que desvirginara Sofia para o ato criador suscitado pelas palavras. Esse poder transformador, que somente as palavras são capazes de desvelar, provocou sorrisos e anúncios.

Escrever era sua “[...] fatal liberdade [...]” (Lispector, 2016, p. 270), garantindo-lhe, ao mesmo tempo, uma sensação de liberdade: “[...] na composição eu sacudia dos ombros

todos os deveres e dela saía livre e pobre, e com um tesouro na mão” (Lispector, 2016, p. 268). Esse tesouro era a obra, a escrita, o texto que se fazia compreensível. Sofia era livre quando enveredava pelo mundo das palavras que transformam vazios em significações.

Para Nunes (1989), Sofia recebe a descoberta desse dom com certa apreensão. Por isso, embora manejar as suas próprias palavras numa folha fosse uma ação simples, descobrir esse ofício foi considerado algo complexo, porque “[...] ali estava eu, a menina esperta demais, e eis que tudo o que em mim não prestava servia a Deus e aos homens. Tudo o que em mim não prestava era o meu tesouro” (Lispector, 2016, p. 278). Poeticamente, Sofia afirma essa angústia de ser capaz de narrar o indizível e de transcrever os amores e as dores, ou seja, aquilo que ela considerava que não prestava em si mesma.

c) Ecos autobiográficos

A partir do nascimento da escritora Sofia, emerge um outro tema relevante nessa narrativa: aquilo que denominamos de ecos autobiográficos. Rosenbaum (2006) afirma que a narradora desse conto ressignifica o passado a partir de uma perspectiva autobiográfica. Logo, esses ecos surgem tanto do ponto de entrelaçamento entre a personagem Sofia e a escritora Clarice (ambas com um deleite em relação à escrita) quanto do ponto em que a Sofia adulta rememora a infância e a pré-adolescência.

Assim como Sofia, Clarice se descobre escritora muito cedo. Ainda na infância, adorava ouvir e inventar histórias (Gotlib, 2013). Assim que se alfabetizou, Clarice despertou para o ofício de sua vida:

Depois, quando eu aprendi a ler e escrever, eu devorava os livros! Eu pensava, olha que

coisa! Eu pensava que livro é como árvore, é como bicho: coisa que nasce! Não descobria que era um autor! Lá pelas tantas, eu descobri que era um autor. Aí disse: “Eu também quero”. (Lispector, 1976, p. 21, *apud* Gotlib, 2013, p. 81)

A perda precoce da mãe é outro eco autobiográfico que liga Clarice à personagem Sofia. Embora não haja linearidade que nos permita afirmar um tempo conclusivo acerca da morte da mãe de Sofia, parece que já fazia um tempo que eram apenas uma menina de nove anos e seu pai: “Meu pai estava no trabalho, minha mãe morrerá há meses. Eu era o único eu” (Lispector, 2016, p. 271). Essa afirmação da narradora sugere que há uma presença da ausência dessa mãe. E ainda que seja apenas esse momento da narrativa em que se fala da mãe, é justamente quando se sente ameaçada pela figura catedrática do professor que ela evoca essa ausência. Afinal de contas, apesar de agir de forma rude para com o professor, Sofia é ainda uma menina de apenas nove anos que carece do cuidado e colo de uma mãe.

Ainda na esteira dos ecos autobiográficos, a narradora afirma que o seu “[...] enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias” (Lispector, 2016, 262). Essa passagem da narrativa conduz o leitor pelo caminho do entranhamento de histórias. Se uma história é feita de muitas histórias, a história de Sofia parece também ser feita da história de Clarice. A Clarice que também se sentia deslocada e, segundo Antonio Callado (1987 *apud* Gotlib, 2013), era uma estrangeira na terra. Seu estrangeirismo não era advindo de sua origem de nascimento, mas da condição enigmática que a autora demonstrava. De maneira simi-

lar, Sofia também se sentia estrangeira para si mesma: “[...] sem falar que estava permanentemente ocupada em querer e não querer ser o que eu era, não me decidia por qual de mim, toda eu é que não podia; ter nascido era cheio de erros a corrigir” (Lispector, 2016, p. 265). Indecisa, a menina de nove anos vivia a angústia de não se alocar na fase em que se encontrava, a infância, ao mesmo em que seu desejo era ser adulta. Assim, a narradora não sabe, de fato, quem ou o que ela era.

Para Hélio Pellegrino (1987 *apud* Gotlib, 2013, p. 23), Clarice via demais, enxergava o que ainda estava por vir: “Para ela se abriam as portas da percepção, de modo a transformar-se o mundo num espetáculo de vertiginosa complexidade, profundidade e vigor”. A personagem Sofia também via demais, enxergava o que estava além dos ombros contraídos. O professor era muito mais que tensão e insegurança, e a menina-narradora provocou a quebra das barreiras que contraíam a lucidez da vida. Inclusive, é por enxergá-lo além dessas tensões que Sofia tenta desastrosamente protegê-lo de si mesmo. Ao mesmo tempo que o protege, protege também a si mesma.

Esses elementos apontam apenas indícios – afinal, trata-se de ficção – de uma Clarice que escreve e que parece se deixar escapar nas linhas de sua escrita através da personagem Sofia. Essas reverberações vão sendo diluídas a partir de sutilezas no entremear das histórias. Uma história que se cruza e cede espaço para outras histórias:

E foi assim que no grande colégio lentamente comecei a aprender a ser amada, suportando o sacrífico de não merecer, apenas para suavizar a dor de quem não ama. Não, esse foi somente um dos motivos. É que os outros fazem outras histórias. (Lispector, 2016, p. 279)

Portanto, parece-nos inacabada a aventura da menina Sofia (Rosenbaum, 2006), assim como as possibilidades e aventuras a que se doou o professor.

Os desastres de Sofia na sala de aula da Educação Básica

A escritora argentina Cecília Bajour (2012), em seu livro *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*, propõe uma abordagem em relação ao trabalho com literatura que ela intitula de conversa literária. Trata-se de uma proposta que envolve uma escuta atenta e intencional, cujo principal propósito parece ser o de ultrapassar uma consolidada tradição escolar: o estudante escuta e aceita a posição do professor em relação às obras lidas.

Nesse sentido, esse tipo de abordagem promove “[...] uma concepção dialógica da leitura e da formação dos leitores, em que predomine a negociação de sentidos e sua permanente expansão” (Ceccantini, 2012, p. 11). Sendo assim, a presente sugestão, na intenção de potencializar as discussões e, conseqüentemente, promover uma interpretação mútua de significados, leva em consideração as vozes dos estudantes, já que falar sobre os textos que lemos é dar visibilidade aos nossos pensamentos.

Além disso, Bajour (2012) considera que a conversa sobre um texto deve ser o coração das aulas de literatura, pois abre caminhos para a construção recíproca de significados. Posto isso, é necessário que se conheça muito bem o texto que se pretende levar para a sala de aula, pois haverá autoconfiança por parte do mediador, além de critérios mais claros para a inserção da leitura.

Diante disso, a obra pode ser levada para uma turma do Ensino Médio, a critério do professor. A turma deve ser organizada

em círculo e a leitura deve ser realizada em sala. É interessante que a leitura seja sugerida com alguns dias de antecedência, a fim de que um primeiro contato com o conto seja feito. Pode-se pedir que os estudantes sinalizem no texto aquilo que chamou atenção.

A conversa literária pode ser iniciada pelo mediador de três formas distintas. A primeira sugestão é a apresentação de algumas curiosidades sobre Clarice Lispector, por exemplo, o fato de ela ser uma imigrante, cuja família fugiu da guerra que assolava o leste europeu. Como segunda opção, sugerimos a exibição de um trecho da entrevista que Lispector (2012) concedeu a TV Cultura, recortando o momento em que ela fala sobre ser ou não ser escritora. Por fim, pode-se discutir sobre a relação de homonímia entre a obra de Clarice e a obra da Condessa de Ségur. Para isso, pode-se realizar a leitura do prefácio *Conhecer, observar e deduzir*, escrito por Carla Maia de Almeida (2019), da obra da Condessa de Ségur. Em todas as propostas, a ideia é que o mediador promova uma reflexão junto aos estudantes. Depois desse momento, pode-se iniciar a efetiva leitura do conto.

Após a leitura, o mediador deve incentivar o estudante a compartilhar suas experiências com a obra, incluindo suas impressões, interpretações e perspectivas. A proposta não é deixar o texto à mercê do olhar em formação dos estudantes, mas sim mostrar a eles que suas vozes podem e devem ser ouvidas. É importante ressaltar que não pode ser uma escuta com a intenção de retificar ou ratificar as verdades engendradas pelo professor. Em vez disso, trata-se de uma forma de escuta que respeita tanto a singularidade da fala de cada estudante quanto os limites do próprio texto.

Nesse percurso, algumas perguntas po-

dem ser pensadas pelo mediador, mas elas não devem ser o ponto de início das discussões. É preciso que as primeiras vozes sejam as dos estudantes. As questões que guiarão as discussões devem ser levantadas somente se o mediador perceber que há um afastamento em relação aos limites do texto ou se imperar o silêncio. Eis algumas questões que podem ser levantadas: Qual elemento da estrutura narrativa você daria destaque e por quê? Quais são as consequências da chegada do professor na vida de Sofia? Há alguma transformação na vida do professor? O desfecho da história promove uma mudança na vida das personagens?

Finalizadas as discussões, sugerir a construção de um painel da recomendação. Cada estudante deve escrever numa folha de papel se recomenda ou não a leitura desse conto, justificando a sua escolha. Esse painel da recomendação pode ficar tanto na biblioteca, caso haja, quanto no corredor mais movimentado da escola.

Essas sugestões, que não são modelos herméticos, podem provocar um entrelaçamento entre as falas e uma consequente fragmentação dos sentidos, que vão se juntando e originando novos caminhos para a significação. Caminhos esses que não empobrecem nem desviam o foco, mas geram algo que “[...] talvez não chegaríamos na leitura solitária” (Bajour, 2012, p. 24).

Essa construção de significados gerada a partir desse encontro entre a voz do leitor em formação e a voz do leitor especialista corrobora com a ideia de que o levantamento de sentidos não é “[...] ato meramente individual” (Bajour, 2012, p. 25).

Considerações finais

Não há como passar imune aos encontros suscitados pelas obras clariceanas. Embora o outro seja inalcançável, ele é figura funda-

mental para as descobertas e as transformações individuais.

No conto em análise, as transformações pelas quais Sofia passou estavam diretamente relacionadas ao encontro singular com o professor e vice-versa. Ambas as personagens tiveram as suas certezas abaladas quando se dispuseram a se relacionar mesmo nas suas indiferenças. Foi no encontro com o outro que Sofia descobriu o doloroso ofício da escrita. Foi no encontro com o outro que o professor aprendeu a sorrir.

Nesses encontros e desencontros, Clarice consegue atingir uma técnica narrativa que entrega para o leitor muito mais que uma menina-narradora e suas indisposições em relação ao seu professor. A autora entrega uma narrativa que transita pelo inacabado que é cada história. Na verdade, o inacabado próprio a todo ser humano.

Referências

- ALMEIDA, Carla Maia de. Conhecer, observar e deduzir. In: SÉGUR, Condessa de. **Os desastres de Sofia**. Rio de Janeiro: Editora Fábula, 2019.
- BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- CECCANTINI, João Luís. Irrecusável convite. In: BAJOUR, C. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- FERREIRA, Ermelinda Maria Araújo. **Clandestina felicidade: infância e renascimento na obra de Clarice Lispector**. 2007. Disponível em: <[file:///C:/Users/Sheila%20Vieira/Downloads/52268%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Sheila%20Vieira/Downloads/52268%20(1).pdf)>. Acesso em: 18 jul. 2022.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- GOTLIB, Nádia Batella. **Clarice: uma vida que se conta**. 7. ed. rev. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

Clarice Lispector na sala de aula: uma leitura do conto Os desastres de Sofia à luz dos elementos da narrativa e da perspectiva temática

HATOUM, Milton. **Clarice Lispector, a travessia da linguagem**. 2014. Disponível em: <<https://www.blogletras.com/2014/12/clarice-lispector-travessia-da-linguagem.html>>. Acesso em: 19 mai. 2022.

LEITE, Lígia Chiappini Moares. **O foco narrativo**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Os desastres de Sofia**. In: LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Organização de Benjamin Moser. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

_____. Panorama com Clarice Lispector. [Entrevista cedida a] Júlio Lerner. Youtube, 07 de de-

zembro de 2012. Disponível em: <<https://www.normasabnt.org/referencia-de-video-do-youtube/>>. Acesso em 18 jul. 2022.

NUNES. Benedito. **O drama da linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Editora Ática, 1989.

ROSENBAUM, Yudith. **Metamorfoses do mal**: uma leitura de Clarice Lispector. 1. Ed. 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Recebido em: 22/07/2023

Aprovado em: 05/10/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.